

# Psicologia e história: acerca da construção de árvores genealógicas ou como retomar lembranças de família em sociedades de rede

Adriane Roso

*Universidade Federal de Santa Maria  
Santa Maria, RS, Brasil*

---

## RESUMO

Nesse texto, algumas reflexões de cunho teórico são desenvolvidas a respeito da elaboração de árvores genealógicas, com o intuito de compreender a importância desse objeto representacional na modernidade. Parte-se do pressuposto de que a elaboração de árvores genealógicas pode ser uma forma de narrativa que veicula representações sociais. Através delas as pessoas se reelaboram enquanto sujeitos simbólicos e podem reinventar o sentido de viver em comunidade/s. A discussão é baseada na Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e no conceito de Sociedade em Rede de Manuel Castells. Constatou-se que o conhecimento do senso comum pode se expandir em direção à psicologia de um modo frutífero quando se articula árvores genealógicas com o genograma. Além do mais, concluiu-se que a elaboração de árvores genealógicas não é necessariamente um ato individualista e de reforço das relações sociais de dominação, mas um modo de resistir ao instituído e uma tentativa de construção/reforço de laços comunitários.

**Palavras-chave:** Psicologia; história; representações sociais, comunidade; genealogia, árvore genealógica.

## ABSTRACT

*Psychology and history: About building genealogical trees or how to retake family memories in network societies*

In this text, some theoretical thoughts are developed regarding to the making of genealogy trees, aiming to understand the importance of this representational object. It is assumed that the making of family trees can be a mode of narrative that carries out social representations. Through them people re-elaborate themselves as symbolic subjects and they can reinvent the sense of living in community/ies. The discussion is based on the Theory of Social Representation of Serge Moscovici and on the concept of Network Society of Manuel Castells. It was observed the knowledge of common sense may be expanded into psychology in a fructiferous way whereas articulate genealogy trees within genogram. Furthermore, it was concluded that the making of genealogical trees are not necessarily an individualistic act and a reinforcement of social relations of domination, but a way to resist to the instituting and an effort of construction/reinforcement of community embraces.

**Keywords:** Psychology; history; social representations, community; genealogy, genealogical tree.

## RESUMEN

*La psicología y la historia: Acerca de construir árboles genealógicos o cómo volver a rodar memorias familiares en sociedades de red*

En este texto, algunos pensamientos teóricos son desarrollados considerando al hacer de árboles genealógicos, proponiéndose comprender la importancia de este objeto figurativo. Es asumido que el hacer de árboles genealógicos puede ser un modo de narrativa que lleva a cabo representaciones sociales. Por ellos personas re-elaborado a sí mismos como sujetos simbólicos y ellos pueden reinventar el sentido de vivir en comunidad/es. La discusión es basada en la Teoría de Representación Social de Serge Moscovici y en el concepto de la Sociedad Red de Manuel Castells. Fue observado que el conocimiento de sentido común puede ser expandido en dirección de la psicología en una manera productiva que articula árboles genealógicos con lo genograma. Además, fue concluido que el hacer de árboles genealógicos no es necesariamente un acto individualista y un refuerzo de relaciones sociales de dominación, pero una manera de resistir al instituido y un esfuerzo de construcción/refuerzo de los lazos de la comunidad.

**Palabras clave:** Psicología; historia; representaciones sociales, comunidad; genealogía; árbol genealógico.

---

*Quando eu era criança, havia uma árvore enorme e frondosa, nos fundos de minha casa, da qual nunca esquecerei... Todas as tardes, eu subia nela e me emaranhava em seus galhos. Brincava de faz-de-conta. Imaginava que eu era uma cantora famosa, em cima do palco, a cantarolar. Nada mais importava quando eu estava lá no alto, nas estrelas, a sonhar com um mundo que recém afluava aos meus pequenos pés. E no verão... Ah, no verão! Brotavam lindos frutos. Daqueles que já não mais existem, nem em árvores e nem nos mercados. Grandes, doces, deleitosos. Algum bichados, sim, mostrando que ali dentro não havia veneno e, portanto, vida podia germinar no seu cerne. Na minha árvore, nada poderia me faltar e tudo era permitido sonhar. Ao me apoiar em seu tronco e devorar seus frutos, eu me tornava a árvore. Ingeria sua vitalidade, sua serenidade e sapiência. Tal como os indígenas que ingerem sangue do inimigo para tornarem-se tão fortes como eles. Aquela árvore se tornava uma extensão do meu ser: seu tronco me erguia em direção ao futuro, seus galhos proporcionavam conforto e suas raízes ofereciam segurança. Ela me alimentava não somente com seus frutos, mas, essencialmente, com seu poder. E através dela, eu absorvia poder, me tornando também frondosa, poderosa. Mas a árvore era mais do que um lugar de sonhos - ela era principalmente meu refúgio. Subir nela era meu movimento de resistência ao instituído. Quando eu queria protestar à imposição do banho indesejado, a ter que almoçar quando não estava com vontade, a seguir qualquer ordem que não me agradasse. Certo dia, já adolescente então, nos mudamos para uma casa nova, a algumas léguas dali. Não quis levar nada que me pertencia. Ficaram os quadros, as bonecas... tudo o que eu podia deixar, já que o mais importante - minha árvore amiga - não poderia levar. Não demorou muito para que os novos donos da casa cortassem a minha árvore, sem dó, nem paixão. Algo dentro de mim esbarrou. Chorei muito, tanto quanto chora uma donzela pela perda de seu amor.*

*Doce amiga árvore,  
Não tenho nenhuma foto de você  
Nem pó, nem cinzas  
Invisível aos olhos; manifesta ao coração  
Com a esperança de que algum vento uivante  
tenha soprado,  
para longe dali, alguma semente  
Que, quiçá, tenha brotado em algum quintal  
De alguma menina rebelde e sonhadora!*

*Podem nos tirar tudo na vida, mas nossas raízes são indestrutíveis. Do mesmo modo como nunca conseguirão destruir a árvore predileta de meu coração, jamais conseguirão apagar uma árvore genealógica.*

## INTRODUÇÃO

Desenhar é uma atividade imprescindível à espécie humana. As pinturas das cavernas de Altamira e Lascaux atestam a necessidade humana de simbolizar graficamente seus objetos de interesse e sua vida cotidiana. Uma imagem, segundo Carl Gustav Jung (1977) pode ser considerada simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto. Quando a mente explora um símbolo é conduzida a ideias que estão fora do alcance da razão.

O desenho de árvores genealógicas existe há séculos. De acordo com Heck e Jahn (in Weigel, 2007), o mais extenso dado histórico de uma *schemata* genealógica se origina, de um lado, dos arquivos dos quadros dos ancestrais medievais e, por outro, dos arquivos de uma *ars combinatoria*, tal como a de Lull<sup>1</sup>, a cabalística ou a árvore sefirótica do conhecimento. Enquanto um ícone e um esquema formativo de representações genealógicas, pode ser relacionada à história bíblica da Queda do Homem.

A árvore é um símbolo fundamental que acompanha a história da humanidade, e seu desenho é uma forma de comunicação humana. Ela representa, simbolicamente, o crescimento e o desenvolvimento da vida psíquica (Handerson, 1977) e permite a representação.

Representar é tornar presente o que está ausente por meio de símbolos (Jovchelovitch, 2008). Ao longo dos séculos, muitas pessoas têm tido o trabalho de juntar as peças, buscar origens, encontrar nomes, famílias e representar tudo isso em uma árvore.

O que é representado em uma árvore genealógica são as representações da família. Zonabend (in Woortmann, 1994), em seu estudo sobre os camponeses de Minot (França), destacou que eles, quando falam da família, isto é, quando *parlent famille*, designam a genealogia sob a forma de uma árvore. A terminologia que situa a família entendida como uma descendência é composta de termos referentes à árvore, tais como tronco ou cepa (*souche*), ramo (*branche* ou *rameau*), e outros. São termos particularmente evocativos para esses camponeses.

O desenho da árvore genealógica não é atividade do passado; é uma atividade moderna, pois ainda nos dias de hoje as pessoas continuam a desenhá-las. Entretanto, essa atividade assume novos contornos na sociedade moderna.

Se num passado recente, o lazer direcionava-se especialmente às atividades externas, como, por exemplo, ir à missa, aos clubes, ou brincar na calçada com os amigos da rua, nos dias de hoje, muito em decorrência do medo da violência, o uso de mídias como a internet tornou-se a opção mais viável. Entramos num processo crescente de enclausuramento doméstico e de individualismo, no qual as novas mídias tornaram-se o novo espaço físico de “relações interpessoais”, criando um novo tipo de relação, que Thompson (1998) chamou de “quase-interação midiada”. Queiramos ou não, tal fato tem a ver com a constituição e construção de nossa subjetividade (Roso e Guareschi, 2007).

Fazer árvores virou uma “mania” na internet, que se expandiu até os *blogs*, *Orkut* e *spaces*. E essa não é uma atividade limitada ao conhecimento do senso comum. Há cursos acadêmicos oferecidos às pessoas iniciantes no campo da genealogia que ensinam a pesquisar a história de ancestrais (e.g, curso oferecido na *University of New Brunswick's College*) e entidades que têm a finalidade de estudar e pesquisar cientificamente a Genealogia (e.g. Instituto Genealógico do Rio Grande do Sul – INGERS, e a Associação dos Pesquisadores de História e Genealogia – ASBRAP).

Qual a importância de elaborar árvores genealógicas na contemporaneidade, onde tudo parece efêmero e descartável (Harvey, 1992)? Perguntamos ainda: Se o estímulo às individualidades e a valorização de famílias pequenas e do capital econômico são o mote do sistema político-econômico da modernidade, por que ainda tentamos montar as peças do grande mosaico da genealogia? Serão elas mais um instrumento de manutenção de relações sociais desiguais (dominação)<sup>2</sup> ou um recurso criativo para a produção de singularidades?

Nesse texto, pretendo desenvolver algumas reflexões de cunho teórico a respeito da elaboração de árvores genealógicas, com o intuito de compreender a importância desse objeto representacional na modernidade, delineando possíveis articulações entre os conhecimentos do senso comum e os conhecimentos científicos.

Parto do pressuposto de que a elaboração de árvores genealógicas é uma forma de narrativa que veicula representações sociais. Essas elaborações são fruto da “necessidade psicológica humana fundamental por comunidade” (Jovchelovitch, 2008, p. 131). Através da elaboração de árvores genealógicas nos re-elaboramos enquanto seres simbólicos e podemos reinventar o sentido de viver em comunidade/s, ou como diria Guattari podemos “reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo” (Guattari, 1990, p. 16).

Divido minhas reflexões em três momentos interdependentes: (a) *Genealogia e Representações Sociais*,

quando reforço a noção da genealogia enquanto construtora de representações sociais, (b) *Diálogos entre o Senso Comum e a Ciência*, quando tento mostrar que o conhecimento do senso comum pode se expandir em direção à psicologia de um modo frutífero ao articular árvores genealógicas com o genograma, e (c) *Comunidade, Árvores Genealógicas e Sociedade em Redes*, momento em que defendo que a elaboração de árvores genealógicas não é necessariamente um simples ato individualista e de reforço das relações sociais de dominação, mas um modo de resistir ao instituído e de tentativa de construção/reforço de laços comunitários.

### GENEALOGIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O ATO DE CONTAR HISTÓRIAS ATRAVÉS DO DESENHO DE ÁRVORES GENEALÓGICAS

A genealogia é uma ciência que estuda a origem, a evolução e disseminação das famílias e respectivos sobrenomes, ou até mesmo apelidos. A definição mais abrangente é “estudo do parentesco”. Desenvolve-se no âmbito da “História de Família” e é integralizada por outras ciências, como a psicologia, a história e as ciências sociais e jurídicas. Resumidamente, podemos dizer que ela tem como objetivo desvendar as origens das pessoas e de famílias por intermédio do levantamento sistemático de seus antepassados, regiões onde nasceram e viveram e seus relacionamentos inter e intra familiares.

O estudo científico da história da família começa em 1861, com o Direito Materno de Bachofen. Até a década de sessenta (do século XIX), não se poderia sequer pensar em uma história da família. As ciências históricas ainda se achavam, nesse domínio, sob a influência dos Cinco Livros de Moisés. Na obra de Bachofen, se expõe, pela primeira vez, a tese de que nas sociedades primitivas, em certo período, teria predominado o matriarcado – ou seja, havia predominado a ascendência social e política das mulheres sobre os homens (Engels, 1974).

Indo além da compreensão da genealogia enquanto um “estudo de parentesco”, Weigel (2007), define a genealogia como a história do simbólico, da iconografia e das práticas retóricas, como os sistemas de gravação e as técnicas de cultura através dos quais o *saber* das famílias, das raças e das espécies ou da sucessão da vida dentro de determinado tempo é passado a diante (Weigel, 2007).

Saber é uma palavra fundamental na tentativa de compreensão sobre a importância da árvore genealógica. Qual a finalidade primordial de uma

árvore genealógica senão transmitir um determinado saber às gerações sucessivas?

Quando elaboramos uma árvore genealógica estamos narrando histórias de vida, ao mesmo tempo em que estamos representando o social. A representação, segundo Moscovici (1976, in Marková, 2006), é sempre direcionada aos outros: através do ato de apontar alguma coisa a alguém, ela fala; e através do ato de expressar algo a alguém, ela se comunica. A representação das origens da família pode ser considerada como um “saber produzido na, e pela, vida cotidiana” (Jovchelovitch, 2008, p. 87).

Enquanto representação, ela envolve não apenas uma ação concreta (consulta a documentos históricos, compilação de depoimentos; análise de fotografias, etc), mas, também, o elemento da criatividade. Imaginamos o passado que nos liga, os rostos, o cotidiano outrora vivido. Representamos, individualmente e coletivamente, saberes que retomam o passado:

No ato de contar histórias [via genealogia] “os saberes sociais ganham vida e, com eles, as representações do passado e as apresentações da identidade. Contando histórias, as comunidades lembram o que aconteceu (memória social), colocam a experiência em sequência (humanização do tempo), encontram explicações para o que está acontecendo (dar sentido) e jogam com a cadeia que dão forma à vida individual e social (construção do futuro). O contar histórias evoca campos de conhecimento e reconhecimento; é um ato que vive além das histórias individuais, (...)” (Bartlett in Jovchelovitch, 2008, p. 145-6).

Ao contar histórias através do delineamento de uma árvore genealógica, estamos falando *a* vida (e não *da* vida). Por isso, elas são sempre ativas, estão sempre em construção, não param no tempo. São “como pensamentos em movimento”, “fenômenos dinâmicos e abertos” (Marková, 2006, p. 173). Não somos mais apenas avós, pais, mães, tios, primas ou estruturas formais de parentesco; as partes passam a ter uma relação com o todo. Ou seja, as árvores não são representações estáticas. Justamente por isso é que podemos transformá-las. Não é por acaso que, segundo Handerson (1977), a imagem de árvore simboliza o crescimento e o desenvolvimento da vida psíquica.

Essa transformação se efetua a partir do desejo (ou do não-desejo) de vivermos em comunidade. Um lugar que, como salienta Scarparo e Guareschi (2007), é imprevisível; lugar onde as pessoas vivem seu cotidiano e se relacionam, traduzindo os modos de vida contemporâneos, tanto na fragmentação e naturalização

da vida quanto na possibilidade de desejar, conviver e criar. Neste espaço, podem ser articuladas práticas sociais e, quem sabe, o não-lugar delimitado pelas utopias seja apenas um sonho, algo inatingível, mas nos leva a caminhar. É sobre isso que falarei a seguir.

## DIÁLOGOS ENTRE O SENSO COMUM E AS CIÊNCIAS: ARTICULAÇÕES ENTRE ÁRVORES GENEALÓGICAS E GENOGRAMA

O interesse pela genealogia tem sido revigorado nas sociedades em rede pelas mais diversas disciplinas. A antropologia e a psicologia têm se interessado por esse campo de estudo e pesquisa.

Em seu estudo antropológico, Woortmann (1994), salienta que existem diferenças significativas entre a genealogia dos novos-ricos urbanos e a dos colonos. A família na cultura dos colonos teuto-brasileiros é percebida como uma árvore que tem raízes, tronco(s), ramos, flores e frutos ou sementes, na qual se privilegia o tronco (cerne). A árvore dos colonos aproxima-se a um rizoma, em processo de reprodução constante. A árvore dos genealogistas situa os antepassados mais remotos nas pontas dos galhos mais altos, localizando-se o interessado na extremidade inferior, como o resultado do encontro de dois troncos. Trata-se de uma concepção individualista da árvore, construída em função de um Ego.

Para os descendentes de colonos, urbanizados e enriquecidos trata-se da reconstrução das origens germânicas com a busca de laços nobiliárquicos, eventuais brasões etc., num esforço de “invenção de tradição”. O objetivo dessa elite é, em larga medida, legitimar uma nova situação de classe, de “novos ricos”, através de uma antiga situação de status presumido (Woortmann, 1994). Ou seja, podemos interpretar que a produção de árvores genealógicas dos novos-ricos urbanos carrega uma função ideológica de reprodução de relações de dominação.

A autora traz o suicídio para ilustrar como memórias desagradáveis podem se eliminadas das árvores: limitando-se o fato ao indivíduo, evita-se eventuais acusações intrafamiliares que poderiam ameaçar a unidade e identidade da árvore e mantém-se irretocável a sua imagem frente ao público. Elimina-se da memória desagradáveis componentes estruturais da situação passada, não muito edificantes para quem deseja edificar uma memória ‘exemplar’ (Woortmann, 1994).

O modo de pensar e interpretar a ação de construção de árvores de Woortman é um dos possíveis, que não irei aprofundar aqui. Neste momento, prefiro olhar sob outro prisma – que é a partir da psicologia.

Recentemente, temos a difusão de genogramas na psicologia enquanto um instrumento científico para coleta de dados em pesquisas qualitativas com famílias. Eles explicitam a estrutura familiar ao longo de várias gerações e das etapas do ciclo de vida familiar (Wendt e Crepaldi, 2008).

De fácil execução e por seu formato gráfico, “o genograma facilita a visualização do contexto familiar e de suas principais características, reunindo maiores possibilidades de detecção dos aspectos psicossociais. Nele são registrados dados de importância para o indivíduo, tais como separações, doenças, mortes, acidentes, cirurgias e internações” (Muniz e Eisenstein, 2009, p. 73), assemelhando-se muito às narrativas das árvores genealógicas.

A dissertação de Betencourt (1999) trabalha nessa perspectiva. Ela estuda três famílias partindo da própria história da genealogia, evoluindo para o genograma, o que reforça a ideia de que a árvore genealógica enquanto simbolismo encontra significado apenas quando compreendida a partir do contexto sócio-histórico do protagonista do desenho.

Além do mais, a criação de genogramas a partir de árvores genealógicas é um exemplo de como um conhecimento do senso comum pode dialogar com o conhecimento científico. Um não substitui o outro, ao contrário, eles se complementam.

Talvez a associação da árvore genealógica ao genograma seja uma possibilidade de superar o uso da árvore de modo ideológico, apontado por Woortmann (1994). Expandir a interpretação de árvores genealógicas (conhecimento do senso comum) a partir do genograma (conhecimento científico) pode ser um modo de repensar a genealogia familiar e evitar que se reforcem relações de dominação de raça, gênero e de classe social.

## COMUNIDADE, ÁRVORES GENEALÓGICAS E SOCIEDADE EM REDES

O sociólogo Zygmunt Bauman (2005) afirma que a cultura da modernidade – que ele designa de modernidade líquida – não mais se percebe como uma cultura do saber e da acumulação. Em vez disso, “parece uma cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento” (p. 144), cultura essa que é reinventada com bases na nova estrutura de sociedade em rede.

A sociedade em rede, segundo Castells (1999), é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas e sua organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do trabalho assim como por sua individualização; pela chamada cultura

da “virtualidade real”; e pela transformação das bases materiais da vida, que são o espaço e o tempo mediante a constituição de um espaço de fluxos e de um tempo atemporal.

Se antes havia espaço para uma concepção “romântica” de comunidade, isto é a ideia de que a comunidade podia ser um lugar confortável, aconchegante, seguro e onde nos entendíamos bem (Bauman, 2003), na atualidade, “a antiga e conhecida segurança oferecida pela experiência comunitária foi profundamente abalada pela perda de parâmetros tradicionais de referência comunitária e pelo ganho de liberdade para explorar novas possibilidades de viver” (Jovchelovitch, 2008, p. 130).

Dentre essas possibilidades, situa-se a internet que, conforme Castells (2003) é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede.

A partir da criação de artefatos tecnológicos, hoje, a agilidade na elaboração e a divulgação de árvores genealógicas é um acontecimento histórico que já faz parte do cotidiano de muitas pessoas informatizadas. Não é por acaso que podemos encontrar tantos *sites* que oferecem serviços (muitos gratuitos) que auxiliam a montar a árvore genealógica das famílias e *softwares* de genealogia.

Pesquisando no mecanismo de busca *Google* sobre “árvores genealógicas”, encontramos 2.920.000 *sites* e *links*. Muitos deles facilitam a construção de árvores genealógicas *online*, através de softwares de genealogia. Nas comunidades do *Orkut* (Beta, português), os resultados de pesquisa para árvore genealógica indicam 211 comunidades. O *Orkut* oferece um aplicativo denominado *My Tree* que permite que o usuário crie sua própria árvore genealógica e partilhe com pessoas selecionadas ou com a rede geral. Além destes, existem outros *sites* que não são específicos de árvore genealógica, mas que incluem essa modalidade, como o <<http://www.imigrantesitalianos.com.br/>>.

A partir do posto acima, podemos considerar que a internet, além de propiciar um acesso mais rápido às informações que antes seriam inacessíveis ou de consulta complexa, interfere na “vivência espacial”, já que podemos nos conectar com pessoas de qualquer parte do globo. Por exemplo, um americano, descendente de brasileiros, pode buscar suas origens brasileiras sem nunca ter pisado no nosso país; basta acessar os *sites* especializados e iniciar a procura. De fato, atesta Jovchelovitch (2008), a globalização propiciou a criação simultânea de novas comunidades

virtuais e a reorganização de velhas comunidades de identidade e lugar. “Permitiu o desafio e, às vezes, o desmantelamento de comunidades tradicionais e a construção de novos projetos e solidariedades ao redor do globo” (p. 131).

Acredito que desenhar árvores genealógicas *online* é como voltar a subir naquela árvore da minha infância. Através das árvores (genealógicas ou vegetais) nos situamos no mundo. Adquirimos um senso de pertença, ou seja, nos conscientizamos de que somos parte de algo maior, de uma comunidade em rede e, assim, podemos tentar resistir aos processos de subjetivação criados e reforçados na modernidade líquida.

Penso que aqui cabe uma reflexão mais aguçada sobre os modos de subjetivação na modernidade. Podemos realmente resistir a eles ao adquirir um senso de pertença? Afinal, somos capturados/as ou não pela fluidez das relações? Podemos falar de identidade (ser parte de algo) ou de identidades (ser parte de um todo complexo e móvel)?

Não tenho respostas às indagações acima e nem defendo a necessidade de encontrar respostas. Acredito que o mais importante é seguir pensando criticamente sobre os modos como nossas ações são absorvidas, ou recapturadas cotidianamente, de modo que não consigamos produzir processos de singularização. Não tenho dúvidas de que esse possa ser um dos caminhos para instaurar dispositivos que criem modos singulares de viver em comunidade.

Assim, uma árvore genealógica pode servir como uma retomada de um sistema globalizado de comunicação entre o passado e o presente, entre os mais velhos e os jovens – uma retomada à comunidade – pois ela veicula a mensagem de que não começamos sozinhos, de que não estamos sozinhos e de que continuaremos acompanhados na trajetória humana. É a história que remontamos sobre ela mesma que a converte em algo mais que um simples desenho: ela se converte em algo real, em vida coletiva (Eu+Outros) que pulsa.

O imaginário dessa vida coletiva faz referência ao mundo do Outro. É justamente essa referência ao mundo dos outros “que garante a natureza criativa da atividade simbólica, de modo que a experiência de uns pode construir-se sobre a experiência de outros, criando continuamente a experiência de uma realidade compartilhada” (Jovchelovitch, 2008, p. 67), carregada de emoções.

A produção das árvores genealógicas *online* não se dá apenas de modo individualizado. Existem serviços gratuito e colaborativo, como é o caso do *MyHeritage* <[www.myheritage.com](http://www.myheritage.com)> e do *Geni. Everyone's Related* <<http://www.geni.com/>>, que têm como peculiaridade

o fato das pessoas incluídas poderem trabalhar em conjunto com o autor da árvore nas informações do contexto de determinada família, mostrando que realmente existe a necessidade não só de partilhar a produção, como de trabalhar de modo cooperativo.

É claro que não podemos ser ingênuos ao ponto de pensar que esse tipo de *network society* extermina com a necessidade do convívio em tempo-espaço real em comunidades, como observou Jovchelovitch (2008): “Estas transformações mais recentes colocam novas questões à vida em comunidade e à sobrevivência de comunidades. Mas elas não conseguem erradicar a necessidade psicológica humana fundamental por comunidade” (p. 131).

Essa necessidade é corporificada nos Encontros de família. Na internet existem aproximadamente 5.000.000 entradas para encontro da família (*Google search* = “Encontro da família”). Quem já participou desses encontros sabe muito bem que eles se constituem como palcos para complementar árvores já iniciadas, mas também, muitas vezes, possibilitam novas reconfigurações familiares e articulações de outros saberes da vida em comunidade.

Acredito que muitas das reuniões de família podem ser uma tentativa de aproximar as famílias e reconstruir laços comunitários que estão cada vez mais efêmeros na modernidade. Com o objetivo geral de confraternizar os parentes, nesses encontros participam não somente os adultos e idosos, como também crianças, adolescentes e adultos jovens. Além dos rituais de comensabilidade, jogos são organizados, há apresentação do acervo fotográfico e documentos históricos, lançamento de livro contando a história da família, criam-se *sites* na internet, apresentam manifestações poéticas e composição de música, carnaval, quadrilha e dança, celebração eucarística, além da apresentação de novos integrantes (recém-nascidos).

Se a destruição do passado “é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX, no qual quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem” (Hobsbawm, 1995, p. 13), quem sabe esses encontros de família sejam uma oportunidade de fortalecer os laços afetivos e a construir relações baseadas no amor e no comunitarismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A genealogia pode ser um modo de resistência aos processos de subjetivação já que a valorização das raízes de nossos antepassados alimenta o imaginário socializado e o culto saudável aos antepassados.

Mais do que isso, ela pode ser um recomeço para nos questionarmos sobre que significa viver e estar em comunidade; ou seja, ela possibilita a reconstrução de nossas representações sobre comunidade/s.

Se cada ser humano puder retomar aquele desejo infantil de subir em árvores, contemplar a beleza do mundo sob um novo ângulo e reconhecer que o que nos dá sustentação são as raízes, que por isso, e somente por isso, podemos colher frutos, conseguiremos “utilizar as máquinas, todas as máquinas – concretas e abstratas, técnicas, científicas, artísticas –, para fazer muito mais do que revolucionar o mundo: para recriá-lo de ponta a ponta (Guattari, 2007, in Guattari e Rolnik, 2007, p. 335).

Quanto mais nos vinculamos às raízes, mais podemos nos sentir fortes. A genealogia nos ensina, como bem pontua Souza (s.d.), que cada indivíduo é, em cada momento da história, o herdeiro e o representante universal da raça humana, em toda a sua diversidade cultural, religiosa, étnica e biológica. Cada um de nós é simultaneamente todos os outros, e todos somos um só.

Podemos considerar as produções genealógicas como mais um passatempo a preencher as horas vagas em frente à internet ou podemos tomá-las como uma possibilidade de tomada de consciência sobre a nossa existência social – existência enquanto pessoas que se reelaboram enquanto sujeitos simbólicos e que podem reinventar o sentido de viver em comunidade/s, que, quiçá, estão sendo redesenhadas dentro dos parâmetros das sociedades em redes.

Talvez não saibamos que tipo de “comunidade” almejamos ou mesmo se há um desejo comum “e moderno” em busca da comunidade, mas creio que seja possível nos movermos em direção “a um novo tipo de possível”, como diria Guattari (2007, in Guattari e Rolnik, 2007, p. 335), a novas modalidades do ser-em-grupo. Não precisamos cair no discurso fatalista-negativista, que vê as novas tecnologias como grandes vilões da sociedade: podemos, sim, trabalhar com uma concepção mais positiva da internet. Ela não é produtora de todos os males da sociedade e nem o maior inimigo das comunidades. Ao contrário, usada de modo solidário, ela pode servir como um auxílio interessante para o estreitamento de laços, servindo, quem sabe, como um instrumento de resistência ao instituído e um aparelho tecnológico de transformação do social.

Enfim, os seres humanos têm a necessidade de se manterem unidos, de se vincularem às raízes, de perpetuarem-se em comunidade. Afinal, nenhum vento poderá tombar as árvores de raízes profundas, que germinam sementes de amor e produzem representações etéreas. É preciso continuar contando histórias... e que sejam as árvores genealógicas um instrumento

de compreensão do passado e de transformação do presente para que possamos, em comunidade, planejar o futuro que queremos para nós.

## REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca pela segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2005). *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Betencourt, M. G. B. (1999). *Ecossistemas ancestrais da árvore dos efeitos: estudo memético do genograma de família*. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Resumo disponível em <<http://www6.ufrgs.br/infotec/teses97-99/betencourt-pucrs99.htm>>. Acessado em 29 jul. 2009.
- Castells, M. (1999). *A Sociedade em Rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura* (Vol. 1). São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2003). A sociedade em rede. In D. Moraes. *Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record.
- Engels, F. (1974). *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. (Prefácio à 4ª edição/1891). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Guattari, F. (1990). *As três ecologias*. Campinas, SP: Papirus.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (2007). *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Henderson, J. L. (1977). Os mitos antigos e o homem moderno. In C. G. Jung, *O homem e seus símbolos* (pp. 105-157). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Harvey, D. (1992). *Condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola.
- Hobsbawm, E. (2003). *Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991*, (2ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Jovchelovitch, S. (2008). *Os contextos do saber. Representações, comunidade e cultura*. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (1977). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais. As dinâmicas da mente*. Petrópolis: Vozes.
- Muniz, J. R., & Eisenstein, E. (2009). Genograma: informações sobre família na (in)formação médica. *Rev. Bras. Educ. Med.*, 33, 1, 72-79.
- Roso, A., & Guareschi, P. A. (2007). Megagrupos midiáticos e poder: construção de subjetividades Narcisistas. *Política & Trabalho, Revista de Ciências Sociais*, 26, 37-54.
- Scarparo, Helena B. K., & Guareschi, N. M. de F. (2007). Psicologia social comunitária profissional. [Online]. *Psicol. Soc.*, 19, 2 (sp.) [cited 2009-07-31], pp. 100-108. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000500025&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000500025&lng=en&nrm=iso)>.
- Souza, H. D. C. de. (s.d). *Subsídios para uma história de família*. [Online]. Disponível em <<http://www.arauto.com/familia/>>. Acessado em 28 jul. 2009.
- Weigel, S. (2007). Genealogy. On the iconography and rhetorics of an epistemological topos. [Online]. *Enciclopédia e Hipertexto*, Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa – FCUL. Disponível em <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/sweigel/index.htm>>. Acesso em 29 jul. 2009.
- Wendt, N. C., & Crepaldi, M.A. (2008). A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa

qualitativa. [Online]. *Psicol. Reflex. Crit.*, 21, 2 [cited 2009-07-28], pp. 302-310. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722008000200016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000200016&lng=en&nrm=iso)>.

Woortmann, Ellen F. (1994). A árvore da memória. [Online]. *Série Antropologia*, Brasília, 159, 1-13. Disponível em <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie159empdf.pdf>>. Acessado em 29 jul. 2009.

Recebido em: 03/08/2009. Aceito em: 15/09/2010.

#### Notas:

<sup>1</sup> Ramon Lull, filósofo catalão do século XIII, que construiu um conjunto de procedimentos combinatórios de manipulação mecânica, fazendo rodar, uns sobre os outros, os círculos correspondentes às duas outras figuras circulares.

<sup>2</sup> Quando o poder é empregado para dominar e trazer as capacidades (poderes) de outros a nosso serviço, ele se transforma em dominação e usurpação, num poder-dominação (Roso e Guareschi, 2007), ou seja transforma as relações sociais em relações de dominação.

#### Autora:

Adriane Roso – Professora Adjunta, com Dedicção Exclusiva, da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM (Graduação e PPG em Psicologia). É Fulbright Alumni. Graduada em Psicologia (UNISINOS, 1991). Mestre em Psicologia Social e da Personalidade e doutora em Psicologia (PUCRS, 1998/2005), com Doutorado Sanduíche na Mailman School of Public Health, Department of Sociomedical Sciences, Columbia University (jan. 2001-jun. 2002). Especialista em Saúde Pública pela ESP/RS, UFRGS e FIOCRUZ. Certificada pela University of California (UCLA) em Aconselhamento em Alcool/Drogas. A partir da Psicologia Social Crítica, enfoca especialmente os seguintes temas em saúde: direitos sexuais e reprodutivos, grupos e instituições, minorias sociais e mídia. Lidera o grupo de pesquisa/estudo “Saúde, Minorias Sociais e Comunicação” (UFSM) e integra o grupo “Encontros em Psicologia Social Crítica: Reflexões Dialógicas”, coordenado pelo Prof. Pedrinho Arcides Guareschi (UFRGS). Atualmente, exerce o cargo de Chefe Substituta do Departamento de Psicologia (UFSM).

#### Enviar correspondência para:

Adriane Roso  
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM  
Rua Marechal Floriano Peixoto, 1750, sala 313  
CEP 97015-372, Santa Maria, RS, Brasil  
E-mail: [adrianeroso@gmail.com](mailto:adrianeroso@gmail.com)